

TUDO EXISTE NÃO PORQUE ALGO MAIS EXISTA  
EVERYTHING EXISTS NOT BECAUSE SOMETHING  
ELSE DOES EXIST

“TUDO O QUE EXISTE, EXISTE TALVEZ PORQUE OUTRA COISA EXISTE”. A AFIRMAÇÃO “Everything exists not because something else does exist”. Fernando Pessoa’s quotation of belief in this coexistence does not seem to find equivalence in the scenic morphology of Matilda Carlota, a performance where everything that appears to be is not. And nothing is. In it, there is only disharmony and inadequacy. Everything exists not because something else does exist. What exists is useless, and does not serve “the other”, only a differentiated ownership of opportunities. What exists only has meaning in life, searching for meaning and Matilda.

M  
A C  
T A  
QUINTA 06 / 19H30  
I R  
PAC / BLACK BOX  
L L  
D O  
JONAS LOPES  
A T  
A

MATILDA CARLOTA is a world of contradictions and ambiguities, readily impersonated by an androgynous and artificial character, psychologically craving for desire. Desire for something (a lot) that has never happened. The longing to be “other”, the desire for unification, and the attempt of resolution of what is pending. In this gradual shaping of an inadequate existence, the inconsistency of reality is revealed consistent, in the symbolic universe of representation: “intimacy stripped”, the black and white, the anomalous experience of connection with the world that the melancholy of “Sposa no mi conosco”, by Giacomelli, played on piano by the butler and sung by Matilda as countertenor, reveals. In Matilda Carlota everything has no reason for being. Everything is stripped of its meaning. Everything defies rationality. Everything imposes an artificially constructed world, searching for its desires, and insecure because it is unadapted. A latent insecurity in dubious actions

of unexpected outcomes: “the hammer does not hammer, instead, it deliberately destroys the decorative plate carefully prepared (...) the tea, prepared to entertain visitors, is poured over plastic flowers”. What is the true nature of reality? Which “space” is this, which is defined as the product of the individual mind? Matilda has a moustache and the body of a man, but she moves, dresses and sings like a diva. She lives in the light of her hetero-vision and antonymy, in an inadequate way that gives way to a monadic being who gazes at the “world”, alone and with no audience, and yet universal, increasingly perceived in a deceptive way “with charm”. There is an appeal in Matilda Carlota, such as there is in the Oracle of Delphi, which seems to say: “become what you are”. The uselessness of ways of life and lifestyles remains in us, giving rise to “a personality obsessively diligent in the performance of affections towards others. In truth, there is nothing more than projections of their own insecurities and shortcomings”.

MATILDA CARLOTA é um mundo de contradições e ambiguidades, desde logo assumidas por uma personagem andrógina, artificial e psicologicamente grávida de desejo. Desejo de algo (muito) que nunca aconteceu. A saudade de se ser “outro”, o desejo de unificação, a tentativa de resolução do que está pendente. Neste desenhar paulatino de desadequada existência, a incoerência do real revela-se coerente no universo simbólico da representação: a “intimidade despojada”, o preto e branco, a experiência anómala da conexão com o mundo que a melancolia de “Sposa no mi conosco”, de Giacomelli, tocada ao piano pelo mordomo e cantada em contratenor por Matilda, faz assomar.

Em *Matilda Carlota* tudo está sem propósito de ser. Tudo é desprovido de sentido próprio. Tudo desafia a racionalidade. Tudo impõe um mundo artificialmente construído, à procura dos seus desejos, e inseguro porque inadaptado. Uma insegurança latente em dúbias ações de desfechos inesperados: “o martelo não prega, mas antes destrói deliberadamente o prato decorativo cuidadosamente disposto (...) o chá, preparado para receber visitantes, é vertido sobre flores de plástico”. Qual a verdadeira natureza da realidade? Que “espaço” este que é definido como produto da mente individual?

Matilda tem bigode e corpo de homem, mas move-se, veste-se e canta como uma diva. Vive em função da sua hetero-visão e da antonímia, numa desadequação que abre espaço a um sujeito monádico que olha o “mundo”, porque só e sem audiência, mas universal, porque cada vez mais sentido em enganos “com encanto”. Há um apelo em *Matilda Carlota* que, tal como no Oráculo de Delfos, parece querer dizer: “torna-te no que és”. A inutilidade de modos e estilos de vida permanece em nós, dando origem a “uma personalidade obcecadamente diligente no desempenho de mimos para outros, na verdade não mais do que projeções das suas próprias inseguranças e incompletudes”.

Criação Jonas Lopes /  
Interpretação Jonas Lopes e  
Lander Patrick / Coro Cantacellis  
/ Produção Andreia Carneiro e  
Mafalda Jacinto / Coprodução  
Centro Cultural Vila Flor /  
Apoios (residências) O Espaço  
do Tempo / Agradecimentos Rui  
Horta, Margarida Bettencourt,

André Teodósio, Fábio Rocha de  
Carvalho, Mário Ventura, Allena  
Dittrichová, Clara Antunes,  
Telma Pinto, Grupo Vocal  
Trítone (Évora), Cantacellis  
(Barcelos) / Duração 45 min.  
aprox. s/ intervalo / Maiores de 16

\*Texto de Paulo Pinto